

A Educação Física na EJA e a tentativa de aproximação dos espaços de práticas corporais no entorno da escola

**CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano
Jacqueline Cristina Jesus Martins**

Durante o primeiro semestre de 2018, nas aulas de Educação Física do CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano intencionamos uma aproximação dos conhecimentos dos estudantes sobre as práticas corporais que existem no entorno da escola. Essa pretensão objetivava uma aproximação da escola com esses espaços, contribuindo para que tanto os estudantes conhecessem os espaços existentes no entorno, como também que os nossos vizinhos conhecessem a escola e o trabalho que realiza.

Para isso, fizemos um levantamento dos espaços públicos e privados onde acontecem práticas corporais num raio de 1 km da escola. Levantamos a existência de uma quadra de tênis a 400 metros, uma academia a 500 metros, uma ciclovia a 500 metros, um parque a 950 metros, um clube escola a 600 metros, o SP Diversões (local de jogos eletrônicos, boliche, sinuca e kart) a 800 metros e, ultrapassando um pouco a distância estipulada, um local de locação de quadras de badminton a 1200 metros da escola.

Após esse levantamento, notamos que a escola está cercada de espaços para a realização de práticas corporais e que por não morarem nas proximidades os estudantes não conhecem e não frequentam esses locais. Alguns espaços citados são privados e sabemos que os acessos a esses locais também ficam impossibilitados pelas questões financeiras e ainda contribui para o distanciamento a falta de conhecimento sobre as práticas corporais que são realizadas nesses locais.

Entre os espaços públicos, temos o Parque da Previdência que possui algumas trilhas na mata, uma pista de caminhada, alguns equipamentos de ginástica e um gramado que permite a realização de algumas atividades. Não há quadras e nem ofertas de atividades corporais. Já a estrutura do Clube Escola Solange Nunes Bibas é composta por dois campos de futebol, três quadras poliesportivas, duas piscinas (infantil e semiolímpica), salões para a prática de judô e ginástica artística, uma cancha de bocha e quatro quadras para *gateball*. São oferecidas aulas de judô, futebol de campo, ginástica artística, ginástica para a Melhor Idade (localizada e postural), vôlei (convencional e adaptado), futsal e basquete, além de oficinas de polo aquático. Já a ciclovia da Avenida Eliseu de Almeida foi inaugurada em 2014 e é um espaço público e gratuito que além de ser utilizada pelos ciclistas também é muito utilizada por pedestres para a prática de corrida e caminhada.

Os locais para práticas corporais privados que existem no entorno da escola abarcam uma academia de tênis com 3 quadras de saibro e uma de cimento; uma academia com musculação, aulas de diferentes modalidades ginásticas, *sppining*, *fit dance* e pilates; o *SP Diversões* é um espaço que abriga uma pista de *kart*, pistas de boliche, mesas de sinuca e jogos eletrônicos. Por fim, temos um espaço com três quadras de badminton cobertas. Esse espaço oferece a locação de quadra diária ou mensalmente além de aulas da modalidade.

Reconhecendo as diferenças entre os espaços públicos e privados, a nossa ideia de trabalhar com essas práticas corporais possibilitaria a comparação, incluindo os custos de participação, na tentativa de verificar se todas as práticas corporais estão disponíveis a todas as pessoas.

Selecionamos como objetivos do trabalho:

- Experimentar e vivenciar as práticas corporais estudadas;
- Entender as regras e o funcionamento das práticas corporais estudadas;
- Conhecer os locais onde essas práticas são realizadas em seus contextos;
- Conhecer os custos dos materiais utilizados nas práticas corporais estudadas;
- Comparar os gastos para realização dessas práticas corporais em espaços públicos e privados;
- Organizar estratégias de participação;
- Reconhecer quem são os praticantes das modalidades estudadas;
- Ocupação dos espaços da cidade;

A partir da identificação de dois espaços que possuem práticas corporais que utilizam raquetes, as quadras de badminton e de tênis, e por termos esses materiais na escola, optamos por iniciar o trabalho com essas modalidades.

Reconhecendo que os dois esportes que estudaríamos eram realizados com raquetes, para a nossa primeira atividade em nossa aula, levamos os materiais que tínhamos disponíveis na escola, raquetes de tênis, tênis de mesa, frescobol e badminton e as suas respectivas bolinhas e petecas. Essa primeira atividade tinha a intenção de reconhecer quais materiais e quais práticas com raquetes já eram do conhecimento dos estudantes.

Iniciamos o trabalho com a exploração dos materiais disponíveis na escola (raquetes e bolinhas das modalidades frescobol, tênis, badminton, tênis de mesa) – explorando as diferenças e aproximações entre as 4 modalidades. Apresentamos as quatro raquetes, perguntamos quem conhecia aqueles materiais, quais os nomes, onde são jogados, quais regras e em quase todas as turmas eles conheciam a raquete e a bolinha do tênis, identificando como se joga e que já viram na televisão ou no Parque Vila Lobos. A

raquete de frescobol sempre era reconhecida como “*aquela que joga na praia*”, mas não lembravam o nome do esporte, a raquete de tênis de mesa, quase sempre foi reconhecida como raquete de pingue pongue e a raquete de badminton não foi reconhecida por nenhum grupo. A chamaram de “*escumadeira para fritar pastel*” e “*mata mosquito*”.

Após esse primeiro contato com os objetos, exploramos as possibilidades de movimento de cada uma das raquetes, apresentamos a proposta de estudarmos o tênis e o badminton devido à presença de espaços dessas práticas corporais no entorno da escola. Os estudantes ficaram surpresos quando informamos sobre a existência da quadra de tênis tão próxima a nós. Muitos disseram que passam pelo muro e nunca reconheceram que ali havia uma quadra de tênis. Achamos interessante reconhecerem que muitas vezes passamos pelos lugares e não sabemos o que funciona naquele espaço. Avaliamos como positivo esse desconhecimento do bairro em que a nossa escola está inserida, e isso nos incentivou a manter o trabalho nessa direção.

Informamos sobre as dificuldades que enfrentaríamos durante o estudo por conta do local em que as aulas são realizadas. Explicamos sobre a existência de alguns materiais que minimizam esses problemas, como por exemplo uma base fixa com um girador, onde a bolinha fica presa por um cordão e mesmo após ser golpeada pela raquete ela se mantém presa girando no eixo, o que permitiria experimentarmos as rebatidas do tênis. Também mencionamos a existência de uma base fixa onde a bolinha de tênis com um cordão elástico é amarrada nele e, a cada golpe dado, a bolinha é lançada para a frente e após tocar o chão retorna em direção ao jogador. Em geral, esses objetos são utilizados para melhorar a performance dos atletas de tênis, porém, para as aulas do CIEJA, essa era uma oportunidade de experimentarmos os movimentos sem o risco de causarmos algum acidente, visto que estamos na rua, próximo à Rodovia Raposo Tavares. Um dos estudantes é serralheiro e se disponibilizou a construir o material. Ele solicitou que desenhassemos como deveria ser o objeto e que ele faria sem nenhum custo. Ficamos muito felizes com a disponibilidade dele. Em outra turma, um outro estudante, que já é aposentado, se disponibilizou a fazer a base de cimento com a argola para fixar a bolinha de tênis. Novamente, ficamos contentes ao ver que os estudantes estão se envolvendo com o trabalho, afinal de contas, acreditamos que se o que fazemos nas aulas não fizesse sentido para eles, não se disponibilizariam a contribuir com a melhoria das condições das aulas.



Figura 1- Material feito por um dos estudantes para contribuir nas experimentações do tênis.

Para o trabalho com o tênis, tínhamos 10 raquetes e muitas bolinhas. Temos um aluno que trabalha em uma quadra de tênis, e muitos jogadores descartam as bolas após um período de uso. Ele as recolhe e doa para a nossa escola. O fato de termos alguns estudantes que trabalham em clubes de tênis também contou para a escolha do tema. Além desse estudante, tínhamos em nossas turmas mais dois que trabalham em clubes onde existe a prática de tênis.

Na aula seguinte, partimos para a tematização do tênis. Logo de cara informamos novamente algumas diferenças no trabalho que realizaríamos por conta das dificuldades espaciais e pelas questões de segurança. Essa repetição é necessária, dada a rotatividade da presença dos estudantes nas aulas. Entendendo que nem todos conseguem estar nas aulas seguidamente¹, sempre retomamos as informações, regras, histórias, combinados, com a intenção de colocar todos em contato com o que estamos tematizando. Como os dois estudantes já haviam trazidos os materiais que produziram para a nossa aula, na tentativa de minimizar essas questões, utilizamos esses materiais. Com o uso da base fixa, apresentamos os movimentos de *backhand* e *forehand*. Também experimentamos esses

¹ Alguns estudantes possuem trabalhos que alternam dias e horários, como por exemplo cargos em que eles são os folguistas, isso quer dizer que em cada dia da semana ele trabalha em um turno diferente. Isso também acontece com estudantes que trabalham em turnos de 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso. Isso faz com que esses estudantes frequentem as aulas em um outro formato, e a escola possibilita isso, garantindo assim que todos possam estudar.

movimentos com a base de concreto. Os dois aparelhos permitiram a exploração de alguns movimentos, mas não a realização de um jogo. Por reconhecer que as condições não nos possibilitariam o jogo, logo após essa segunda aula fomos até a quadra de tênis verificar a possibilidade de uma vivência naquele local.

Chegando lá, nós nos surpreendemos. Mesmo sabendo da existência dessa quadra, acreditávamos que o lugar era pequeno, achávamos que só havia uma quadra no local, e para a nossa surpresa havia quatro quadras. O dono do estabelecimento foi muito atencioso e nos falou que já havia nos visto jogando na rua em frente à escola e que ficara curioso com que estava acontecendo. Apresentamos o trabalho e perguntamos sobre a possibilidade de realizarmos uma vivência na quadra com a intenção de superar as dificuldades encontradas nas aulas. Prontamente, ele verificou a disponibilidade dos horários que solicitamos e nos ofereceu o uso da quadra nos dias e horários pedidos.

A próxima aula já seria realizada na quadra. Organizamos as autorizações para os estudantes menores e para os estudantes com deficiência, pois sairíamos da escola e iríamos a pé até o local. Também solicitamos a ida com tênis, pois utilizaríamos a quadra de saibro.

No dia da vivência, além das 10 raquetes que temos na escola, que são do tamanho infantil, conseguimos emprestadas mais seis raquetes tamanho adulto, tínhamos um total de 16 raquetes. Também levamos as nossas bolinhas, que por serem muitas, deixaram as atividades bem dinâmicas apesar de um número grande de pessoas.

Com a intenção de valorizar o espaço disponível, exploramos os gestos que não eram possíveis de serem feitos nas aulas na rua. Brevemente, apresentamos algumas regras e o funcionamento do jogo. Exploramos as técnicas do saque, retomamos as formas de rebater a bola, *forehand*, *backhand* e *smash* e jogamos em duplas com a intenção de facilitar o jogo e de possibilitar mais experiências, pois eram muitos estudantes a jogar. Uma das professoras da escola joga tênis e no dia da ida à quadra ela nos acompanhou. A sua participação contribuiu muito com o trabalho, pois ela demonstrou as técnicas, deu dicas aos estudantes e apresentou algumas regras.

Durante a atividade um dos estudantes demonstrou saber jogar, e quando perguntamos, explicou que já havia trabalhado como catador de bolinhas em um clube quando criança, mas já fazia alguns anos que não jogava.

A ida à quadra foi muito bem avaliada pelos estudantes e eles solicitaram a possibilidade de fazermos mais aulas lá, porém a isenção do pagamento do horário da quadra foi feita apenas para esse dia. Alguns estudantes cogitaram a possibilidade de

fazermos uma “vaquinha” para alugarmos o horário mensalmente e garantirmos um espaço adequado para as aulas de educação física, mas não faziam ideia do valor da hora da quadra.



Figura 2 - Conhecendo a quadra de tênis

Na aula seguinte discutimos os custos da prática do tênis e avaliamos se seria possível a prática dessa modalidade por qualquer pessoa. Reconhecemos que a continuidade do estudo do tênis seria inviável, pois as condições espaciais não nos permitiriam avançar para a realização de jogos que permitissem aprofundar os conhecimentos da modalidade.

Na tentativa de fazer uma comparação com outro esporte de raquete, passamos para o estudo do badminton, pois tínhamos os materiais e havia uma quadra para locação próxima à escola que pretendíamos visitá-la, e logo de início o badminton se apresentou possível de ser estudado naquele espaço, pois a peteca não avançaria na rua como as bolinhas.

Nas primeiras experimentações, os estudantes acharam muito difícil jogar com a raquete do próprio badminton, e para minimizar as dificuldades colocamos as raquetes de tênis para quem quisesse, pois dessa maneira ficava bem mais fácil rebater a peteca. As primeiras vivências foram em duplas e em grupos, sem jogos, apenas na tentativa de manter a peteca “no alto”. Alguns formatos como disputas entre grupos e duplas para ver quem conseguia manter por mais tempo a peteca no alto sem deixá-la cair foram envolventes, mas quando alguns desafios coletivos, com a participação de todos, foram usados nas aulas, quase sempre se apresentaram como impulsionadora dos momentos de

risos e diversão. Temos a sensação de que muitas vezes, ao realizarem essas atividades, os estudantes se desprendem de algumas amarras da vida social e se entregam ao que estão fazendo.

Enquanto em nossas aulas explorávamos as técnicas do badminton, entramos em contato com a quadra que existe próxima à escola, na tentativa de conseguirmos uma visita. Lá se oferecem aulas e a locação do espaço por hora. No primeiro contato explicamos o trabalho realizado e o nosso interesse em conhecer o local onde a prática corporal acontece de fato, indicamos que o nosso interesse era de possibilitar algumas vivências. Em contato pelo telefone o proprietário nos informou que não havia a possibilidade de fazermos a visita gratuita. Imaginamos então a possibilidade de alugarmos a quadra por uma hora, pois isso já nos possibilitaria o conhecimento do espaço para a comparação entre as modalidades, além de permitir algumas experimentações. Porém, ao propormos isso ao proprietário, ele não aceitou. Disse que seria muita gente para jogar em apenas uma hora e que não daria certo, pois os jogos demoram e não daria tempo de todos jogarem. Insistimos na tentativa de mostrar a ele que o que nos interessava era experimentar, não seria necessário fazermos jogos com pontuação oficial, poderíamos fazer jogos com menos pontos. Em sua última proposta ele sugeriu que ele poderia disponibilizar as três quadras por uma hora, mas que cobraria a entrada por pessoa, sugerindo o valor de R\$ 30,00 por pessoa. A visita ficou inviável. Nem todos os estudantes têm condição de pagar esse valor para participar de uma atividade pedagógica e a escola não dispunha de recursos para isso. Mesmo sem realizarmos a visita ao local, essa situação já nos demonstrou uma coisa: muitas práticas corporais não são conhecidas e acessadas por parte da população por questões financeiras. Ao permitir apenas que quem tem condição financeira acesse aquele local, uma parcela da população fica impossibilitada de conhecer várias práticas corporais.

Em nossas aulas na própria escola, passamos aos jogos. Logo no início utilizamos a rede de vôlei para jogar badminton, mas a peteca passa por entre a rede, e em alguns momentos isso gerava algumas divergências. Além disso, pelo espaço reduzido que temos, ficávamos apenas com uma “quadra” para jogar, e muitas pessoas ficavam aguardando do lado de fora, o que acabava desestimulando a participação.

Para minimizar essas questões, compramos uma rede de badminton portátil. O que nos ajudou bastante, pois conseguíamos manter duas “quadras” com jogos ao mesmo tempo e os estudantes experimentavam mais vezes, e quanto mais vezes eles experimentavam, mais melhoravam as partidas e a partir daí as nossas problematizações

aconteciam. Falamos sobre a dinâmica do jogo, sobre quem são os praticantes, e sobre a origem e a existência de disputas mistas (duplas formadas por homens e mulheres). O fato do badminton ser muito praticado e apreciado pelos asiáticos faz com que ele seja um dos mais assistidos e jogados ao redor do mundo, e isso foi um fato curioso, afinal poucos conheciam a modalidade. Há de se ressaltar que alguns estudantes mais jovens já haviam jogado o badminton em suas passagens pelas escolas regulares. Esse fato nos motivava como ponto de apoio para sustentar o trabalho, pois também traríamos a voz dos jovens para as aulas.

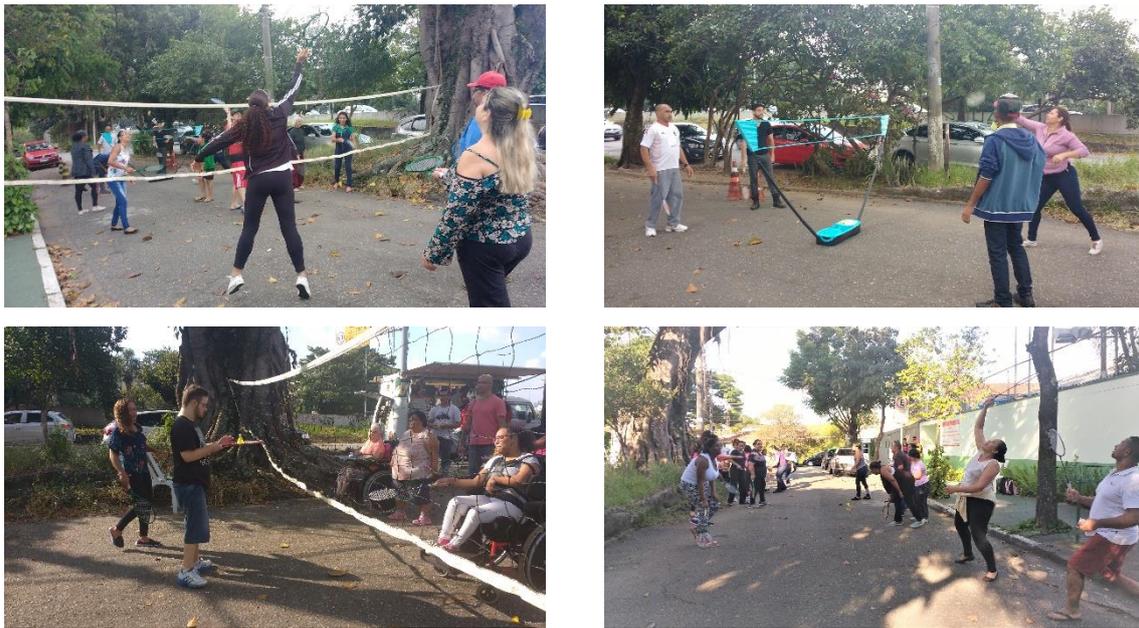


Figura 3 - Experimentando o badminton

O trabalho estava ficando interessante, mas devido à época do ano, início do outono, os ventos começaram a atrapalhar bastante. Por estarmos em um local aberto isso começou a desestimular os estudantes, pois muitas vezes eles faziam boas jogadas, conseguiam fazer defesas difíceis, mas a jogada era atrapalhada pelo vento. Isso acabou desanimando-os e optamos por findar a tematização. Combinamos de tentar retomar o estudo do badminton mais para o final do ano, mas não foi possível.

Ainda com a intenção de trabalhar com o território observamos a possibilidade de estudar duas práticas corporais que estão no entorno da escola, sendo um espaço público e o outro privado com duas modalidades que poderiam ser realizadas no ambiente escolar sem maiores intervenções espaciais: a bocha, pois existe uma cancha no clube escola que fica a 600 metros da escola, e o boliche, cuja pista se localiza a 800 metros da escola. Quando optamos por essas modalidades reconhecemos que as bolas não iriam para longe e que por se tratarem de bolas pesadas o vento não iria atrapalhar as vivências, afinal de

contas já havíamos sofrido com essas duas questões em nossas aulas, e não queríamos interromper mais um estudo.

Inicialmente a ideia era trabalhar com essas duas práticas em todas as turmas intencionando fazer as comparações entre as duas práticas corporais e principalmente entre os espaços públicos e privados, pois planejávamos visitar os locais. Também pesava a favor o fato de serem práticas com princípios parecidos – lançar a uma bola pesada em direção a um alvo, mas que possuem objetivos diferentes. Enquanto o boliche intenciona derrubar todos os pinos, a bocha objetiva a aproximação das bolas do *bolin*².

Antes de iniciar o trabalho, pesquisamos sobre as possibilidades das visitas a esses espaços e um problema foi encontrado: o *SP Diversões* abre após às 12 horas, o que tornaria a visita inviável para os estudantes dos turnos da manhã, visto que um deles é das 7h30 às 9h45 e o outro é das 10h às 12h15 e muitos estudantes trabalham ou possuem outros compromissos após as aulas. A partir dessa informação, organizamos os trabalhos de forma a garantir que conseguíssemos estudar uma prática corporal que nos permitisse conhecer um local no bairro que acolhe a manifestação. Para tanto, ao invés de tentarmos comparar as práticas e os locais de realização, intencionamos conhecer mais profundamente a prática corporal escolhida. Optamos por trabalhar com a bocha com as turmas da manhã e com o boliche com as turmas da tarde.

O estudo do boliche

A tematização do boliche foi realizada com os estudantes dos períodos da tarde, e as turmas possuíam algumas características particulares. As turmas do horário das 12h45 eram compostas majoritariamente por mulheres acima de 50 anos e pessoas com deficiência. Havia poucos jovens. Em algumas aulas aconteceu de o número de pessoas com deficiência participando ser maior do que o número de estudantes sem deficiência. Isso se torna importante para a organização das ações pedagógicas de forma que contemplem a participação de todos. Já as turmas do horário das 15h15 eram compostas majoritariamente por adultos que vinham direto do trabalho. Tínhamos a presença dos estudantes com deficiência, mas em nenhum momento eles foram a maioria dos presentes.

Para o estudo do boliche, as primeiras experiências foram realizadas com alguns materiais que ao nosso olhar cumpririam a finalidade proposta. No lugar dos pinos

² Bola que serve como o alvo a ser alcançado em um jogo de bocha e que é lançada pelo primeiro jogador da partida.

utilizamos garrafas PET com areia dentro e no lugar das bolas de boliche utilizamos *medicineballs* de 1kg.

Logo no início do trabalho alguns estudantes disseram que conheciam o boliche, e alguns revelaram que já haviam jogado. Isso nos soou interessante visto que queríamos tentar uma maior problematização das vivências, cientes de que sentíamos falta dessas questões em nossas aulas.

A princípio, o entendimento do jogo do boliche foi fácil, pois se apresenta como simples e de fácil compreensão: o objetivo é derrubar todos os pinos com o lançamento de até duas bolas por jogada. Mas com o passar das aulas e com o aprofundamento do estudo fomos percebendo que o jogo possui algumas técnicas, nomes de jogadas e formas de pontuação que aumentam a complexidade do jogo.

As primeiras vivências foram muito fáceis e de certa forma não ofereceram muitas motivações, pois o *medicineball* de 1kg que estávamos usando era fácil de segurar e de lançar, o que facilitava as jogadas. Para os estudantes com deficiência, as únicas adaptações necessárias era a aproximação dos pinos para aqueles que usam cadeira de rodas, pois além da questão da locomoção, todos apresentavam dificuldades com o movimento dos braços.



Figura 4 - Experimentando o jogo de boliche

A partir dessa observação, notamos que precisaríamos nos aproximar mais de como é o jogo em relação entre a distância dos pinos e o local de lançamento das bolas,

e também ao peso e formato da bola, pois nos espaços de prática do boliche com a bola oficial, a gestualidade é diferente da que estava sendo feita nas aulas.

Naquela mesma semana, recebemos um e-mail informando que havia alguns materiais de Educação Física disponíveis para doação na diretoria de ensino. Eram materiais usados, doados pelo SESC. Fomos até lá ver quais eram os materiais e nos deparamos com uns *medicineballs* que já estavam bem velhos, mas que eram maiores e mais pesadas que os nossos da escola. Resolvemos pegá-los para usar no trabalho com o boliche, pois o seu tamanho e formato se aproximavam das bolas de boliche.

Na aula seguinte utilizamos esses novos *medicineballs* para jogar o boliche e a avaliação dos estudantes foi péssima. Eles não gostaram pelo fato delas serem maiores e mais pesados, não havia como segurá-los de uma forma que permitisse um maior direcionamento do lançamento. Confesso que ficamos chateados, pois havíamos ido até lá buscar os materiais acreditando que melhoraria a atividade e o que aconteceu foi o oposto. Mas após a aula observamos o material com mais atenção e imaginamos que se fizéssemos os furos na bola, assim como são as bolas de boliche, a forma de segurar poderia melhorar.

Fizemos os três furos no *medicineball* em uma das bolas e na aula seguinte testamos. Dessa vez as avaliações foram positivas e, por isso, fizemos os furos nas demais bolas.



Figura 5 - Comparação entre a bola utilizada na escola e a oficial

Na intenção de aprofundar os conhecimentos dos estudantes e nos aproximarmos mais da prática tematizada, mostramos com o uso da fita métrica a distância oficial entre os pinos e o local de lançamento das bolas, que é de 18 metros. Mas não foi possível utilizarmos essas medidas no nosso jogo na escola, pois a rua tem imperfeições e inclinações que atrapalham o percurso da bola em direção aos pinos. Por esse motivo,

optamos por uma pista menor, mas sem interferências do piso. Nesse momento, já observávamos diferenças nas formas de segurar e lançar as bolas, se aproximando um pouco mais da gestualidade do boliche.



Figura 6 - Novas experimentação a partir da nova bola

Na semana seguinte, logo no início da aula, uma estudante se aproximou de nós e disse: *Trouxe uma coisa e acho que vocês vão gostar!* Aí ela pegou uma sacola com três pinos oficiais de boliche e nos entregou dizendo: *Comentei lá em casa com o meu marido que a gente estava jogando boliche aqui na escola e ele passou em frente o SP Diversões e viu esses pinos no lixo e pegou para trazer aqui para a escola!* Nós ficamos duplamente felizes, primeiro por ela estar falando sobre as aulas de Educação Física com os seus familiares e segundo por obtermos pinos oficiais. Apesar de já estarem rachados, ou com a base um pouco estragada, para o que utilizaríamos na escola seria bem interessante.

Nós nunca havíamos visto os pinos de perto, e eles eram bem maiores e mais pesados do que imaginávamos. Assim como nós nos surpreendemos, acreditamos que seria interessante apresentar esse material para os estudantes para que eles vissem e tocassem. Não os utilizamos logo nessa aula, pois era necessária uma limpeza e alguns reparos nos pinos para que pudéssemos usá-los.



Figura 7 - Os materiais utilizados em nossas aulas

Nas aulas seguintes levamos esses pinos para que os estudantes os conhecessem. Eles falaram sobre o peso e o tamanho, que não imaginavam que tinha madeira dentro. Foi uma experiência marcante. Jogamos algumas partidas apenas com os três pinos oficiais e para isso organizamos outras formas de pontuação, apenas para aproveitar a utilização do material.



Figura 8 - Experimentando o jogo de boliche na escola

Como havíamos falado sobre a pontuação no boliche, apresentamos os nomes e as suas formas: Quando o jogador derruba os dez pinos na primeira bola se chama *strike*, e se ele consegue derrubar todos os pinos na segunda bola se chama *spare*. Um *strike* vale 10 pontos a mais nos dois próximos arremessos e um *spare* vale 10 pontos a mais no

arremesso seguinte. Apesar de ser aparentemente fácil, as nomenclaturas em inglês acabam dificultando a relação dos estudantes com esses termos e eles quase não utilizaram.

Para essa aula utilizamos um *flipchart*³ com as anotações dos nomes dos estudantes e as pontuações. Quando acontecia um *strike* ou um *spare* nós repetíamos e mostrávamos como era feita a contagem dos pontos. Foi necessária a utilização desse recurso para que todos acompanhassem as pontuações. Durante a atividade os sentimentos de alegria e satisfação estiveram muito presentes. A cada *strike* realizado, as comemorações aconteciam, principalmente quando os estudantes com deficiência conseguiam atingir a pontuação. Percebemos que em alguns momentos, mesmo pessoas que foram ultrapassadas pela pontuação atingida pelos colegas vibraram com as realizações. Apenas em uma turma as disputas não caminharam nesse viés. Nessa turma os estudantes calculavam o quanto o colega não podia fazer para não os ultrapassar. Mesmo com essa competição visível, em relação aos estudantes com deficiência todos comemoravam as suas conquistas, incentivando e em alguns casos ajudando-os. Aqui se faz presente algo que estamos notando nas aulas de Educação Física, esse espaço tem se configurado como uma local de garantia de participação de todos. Tanto entre os mais idosos como os estudantes com deficiência ou as pessoas com mobilidade reduzida, o formato das aulas tem se consolidado como um espaço que garante o direito de todos participarem.

Percebemos que a estrutura das nossas aulas já não estava sendo suficiente para a ampliação e para o aprofundamento dos conhecimentos, a partir daí organizamos a nossa visita à pista de boliche próxima à escola.

O *SP Diversões* é uma pista particular que cobra um valor por hora, podendo jogar até 10 pessoas ao mesmo tempo. As verbas da escola não permitem fazer a locação desse tipo de espaço e para isso, entre nós professores, fizemos uma arrecadação para custear a visita, pois acreditávamos que seria uma ação importante. De acordo com o número de estudantes que compareceram no dia da visita alugamos a quantidade de pistas necessárias⁴.

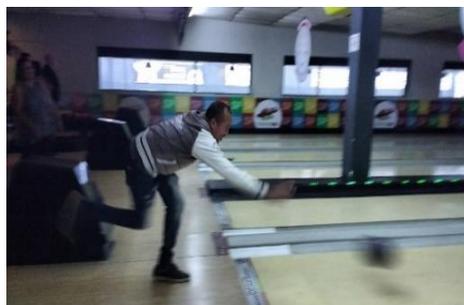
³ Flipchart é um tipo de quadro, em que fica preso um bloco de papéis. Deste modo, quando o quadro está cheio, o apresentador simplesmente vira a folha (em inglês *flip*), sem perder tempo apagando o quadro.

⁴ Havíamos comprado alguns cupons no Peixe Urbano (site de compras coletivas), que deixou a visita bem mais barata e pelo horário e dia da semana também o preço foi menor.

A vivência na pista de boliche permitiu observar as expressões dos estudantes. Para muitos, foi a primeira vez que adentravam um local como aquele, cheio de jogos eletrônicos, mesas de sinuca, pista de *kart*. Era um local novo, cheio de outras informações, mas nos concentramos em jogar o boliche.

Organizamos a distribuição em grupos de acordo com as afinidades dos estudantes e essa foi uma boa estratégia, pois entre eles brincavam quando jogavam na canaleta, comemoravam quando acontecia um *strike* ou um *spare*. Aproveitamos para explicar como funciona o painel de pontuação no jogo, mas ninguém ligou para essa informação, estavam interessados em jogar.

Uma das estudantes com deficiência apresentou dificuldades em jogar com essa bola mais pesada, para ela foi necessária a utilização das duas mãos, mas mesmo assim ela gostou da atividade e revelou que estava feliz em estar naquele espaço.



JOGADOR ATUAL: LEONIDA										
JOGADORES										
NOVA PARTIDA										
REARMA PINOS										
JOGADORES	JOGADAS									
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10
MARCIA	9 0	3 6	1 4	8 0	1 8	1 6	1 5			
78.8 %	9	18	23	31	50	59	66	72		
NEIDE	0 5	6 1	4 4	7 2		6 1	0 1	5 0		
68.8 %	5	19	27	36	53	60	61	66		
ADILMA	5 0	9 0	0 0	0 0	1 6	0 1	6 0	0 5		
52.5 %	5	14	14	14	21	37	43	48		
ESTELA	0 8	6 0	3 0	0 0	1 0	1 1	1 5	7 0		
41.2 %	8	14	17	17	18	20	26	33		
EDILSON	5 1	6 3		5 3	1 7		6 0	5 4		
82.5 %	6	15	33	41	49	65	71	80		
ELISANG	1 6	1 4	7 0	5 0	0 0	6 1	0 6	0 0		
46.2 %	7	12	19	24	24	31	37	37		
PAULINA	0 0	0 0	1 6	0 7	7 0	1 0	5 1	5 3		
50.0 %	0	0	7	14	21	22	37	45		
LEONIDA	7 0	8 1	6 2	0 1	5 1	0 1		4		
57.5 %	7	16	24	25	31	32	46	50		

Figura 9 - Jogando na pista de boliche

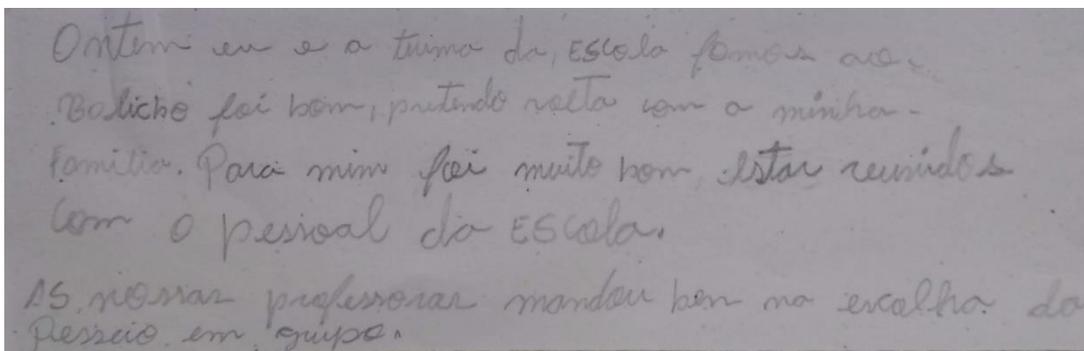
Para a experiência na pista de boliche não conseguimos ir com os estudantes que usam cadeiras de rodas por alguns motivos. Um deles é que verificamos que a participação deles nas aulas sempre requeria uma bola menor e mais leve, visto que além da questão de locomoção, os três estudantes possuem uma dificuldades motoras que envolvem as mãos, e não enxergávamos a possibilidade deles lançarem as bolas oficiais do boliche por conta do peso e formato. Quando entramos em contato com o espaço, verificamos a possibilidade de levarmos as nossas bolas para que eles a utilizassem durante o jogo, mas o proprietário informou que era inviável essa possibilidade por que as bolas retornam por uma máquina que só recebe as bolas dentro das especificidades. Pensamos na possibilidade deles irem apenas como espectadores, para estar junto com o grupo, mas como fomos a pé, identificamos barreiras físicas que não permitiriam a ida deles pelo percurso que faríamos, pois o caminho beira a Rodovia Raposo Tavares e em alguns pontos as cadeiras não passam. Solicitamos aos familiares que os levassem até o local por meios próprios, mas nenhuma família teve condições.

A não participação de todos nos deixou chateados, afinal a tentativa é a construção de uma aula que garanta o direito de todos e quando tivemos atividades mais interessantes alguns ficaram de fora. Reconhecemos que esse transtorno está atrelado à falta de condições de mobilidade da cidade, mas também reconhecemos que a falta de recursos para a contratação de transporte acessível contribui demasiadamente para a não participação desses estudantes na atividade.

A aula após a visita à pista de boliche iniciou com a comparação entre os espaços, bolas, materiais e dificuldades encontradas. *Lá tinha aquele negócio...(se referindo à canaleta) que toda vez a minha bola caia lá!* Alguns estudantes falaram que no dia

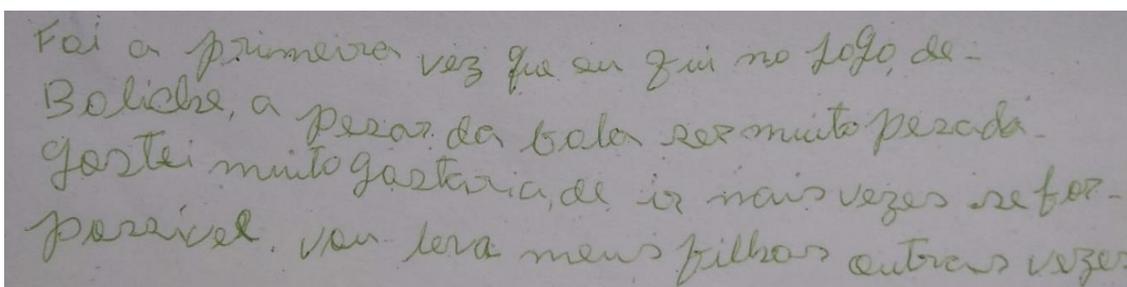
seguinte os seus braços ficaram doloridos por causa do peso da bola. Outros relataram que tinha sido uma experiência marcante. Muitos relataram o interesse em retornar com as suas famílias. Avaliamos como relevante a experiência de uma atividade que desperta neles a vontade de retornar com os seus familiares, se configura como uma experiência que contribuiu na sua formação, afinal de contas desejamos aos nossos familiares as coisas que nos fazem bem.

As professoras da turma haviam feito um registro escrito em que os estudantes relataram como foi jogar em uma pista de boliche, e os registros novamente apresentaram a vontade de retornar ao espaço levando seus familiares para ter essa mesma experiência. Como muitos fizeram esse relato, acabamos comentando sobre os custos dessas atividades.



Ontem eu e a turma da escola fomos ao boliche. Foi bom, pretendo voltar com a minha família. Para mim foi muito bom estar reunido com o pessoal da escola. As nossas professoras mandaram bem na escolha do passeio em grupo.

Figura 10- Registro sobre a ida ao boliche: "Ontem eu e a turma da escola fomos ao boliche. Foi bom, pretendo voltar com a minha família. Para mim foi muito bom estar reunido com o pessoal da escola. As nossas professoras mandaram bem na escolha do passeio em grupo."



Foi a primeira vez que eu fui no jogo de boliche, apesar da bola ser muito pesada. Gostei muito gostaria de ir mais vezes se for possível. Vou levar meus filhos outras vezes.

Figura 11 - Registro sobre a ida dos estudantes a pista de boliche: "Foi a primeira vez que eu fui no jogo de boliche. Apesar da bola ser muito pesada, gostei muito. Gostaria de ir mais vezes. Se for possível vou levar meus filhos outras vezes".

Lembrando que as vivências do boliche na rua já estavam desgastadas, e com a intenção de promover a ampliação de conhecimentos sobre a manifestação, trouxemos para aula o videogame com o jogo de boliche que utiliza o sensor de movimentos para a realização das jogadas. Durante essa aula discutimos o que era o ambiente virtual, apresentamos que os gestos feitos em frente à televisão seriam transmitidos para o jogo, e isso incluía a direção e a intensidade/força aplicada na jogada.

Essa aula nos possibilitou uma experiência nova, para muitos, diferente de tudo que já haviam sentido em relação às vivências corporais. Para a maioria dos estudantes foi o primeiro contato com um jogo de videogame.

Nessa aula, vários conseguiram realizar *strikes*. Além disso, as participações dos estudantes com deficiência surpreenderam os demais, pois jogaram e fizeram *saves* e *strikes* sem ajuda.



Figura 12 - Experimentando o boliche virtual

	1ª Rodada	2ª Rodada	3ª Rodada		
CAIO	9	20	9	38	6º
Mg EDUARDA	20	20	9	49	3º
VIVIANE	20	10	Ø	30	10º
Ed NELSON	20	20	20	60	1º
IRANILDE	10	8	20	38	6º
Mª DORES	Ø	10	20	30	10º
GENIVAL	20	10	20	50	2º
ADRIANA AP.	10	10	20	40	4º
CRUZENA	10	10	20	40	4º
LETICIA	10	9	8	27	15º
PATRICIA	9	10	10	29	12º
EDVANIA	7	10	7	24	16º
ARIOLLY	20	7	9	36	9º
ELENA	9	10	10	29	12º
VANUSA	9	10	10	29	12º
JOÃO AGUIVALDO	9	8	20	37	8º

Figura 13 - Pontuação do boliche virtual

No dia dessa aula, já havíamos combinado com as professoras que utilizaríamos todo o período para a vivência do boliche virtual. Constatamos a possibilidade de novas experiências na escola vêm se configurando como uma opção de ruptura da ideia de aula como apenas o que acontece na sala de aula com lousa e caderno. Estamos percebendo que atividades que coloquem esses estudantes em contato com novas experiências se apresentam como momentos importantes na formação.

A cada jogada bem-sucedida os estudantes riam e comemoravam, tiravam sarro das jogadas ruins e todo esse movimento de barulho dentro da sala de aula acabou por incomodar as demais turmas. Em muitos momentos os estudantes dessas turmas vieram até a nossa sala ver o que estava acontecendo e ficavam com vontade de jogar também, principalmente os mais jovens.

Combinei com os demais professores que já que as aulas estavam perto de acabar e que teríamos a festa de confraternização do fim do semestre, eu levaria o videogame nesse dia para que os estudantes das outras turmas pudessem experimentar o jogo.

Ao final da aula, os estudantes nos procuravam para saber o nome do jogo, quanto custava, onde comprava, mas informamos que era um material caro, que custa em torno de R\$ 2.000,00. Muitos ficavam decepcionados ao saber o preço, pois haviam se interessado em ter em suas casas para se divertirem com suas famílias. Uma estudante veio mostrar que havia baixado em seu celular um jogo de boliche, e que ela jogava durante o percurso nos transportes. Apesar do jogo no celular ser bem diferente das experiências realizadas na escola, ficamos contentes em perceber que os estudos em nossas aulas estão servindo de disparadores para o acesso a diferentes possibilidades de distração/divertimentos dos estudantes. A aula encerrou com uma avaliação positiva, com relatos de contentamento em acessar algo novo. *“Já escutei falar de virtual mas não sabia que era legal assim!”*

Ao avaliarmos com os estudantes o percurso da nossa tematização, a maioria solicitou uma nova ida a pista de boliche, porém não tínhamos condições financeiras. Alguns estudantes propuseram que rateássemos o valor da pista entre os estudantes que fossem, porém informamos que isso não pode ser feito pois nem todos possuem condições de contribuir e por isso ficariam de fora da atividade e a escola não propõe esse tipo de ação. Então, enquanto atividade de finalização dos nossos estudos, fizemos novamente a vivência do boliche virtual.

Finalizando a tematização, percebemos que para além de conhecer os espaços de práticas corporais que existem no entorno da escola, o trabalho foi marcado pelas

diferentes experimentações vividas por eles, assim como a garantia de participação de todos nas aulas, exceção feita à saída, mas que acreditamos não depender apenas das nossas ações.

Apesar de não termos realizado registros escritos com os estudantes, pois ainda encontramos dificuldades em elaborar instrumentos que vão para além da questão da alfabetização e valorizem os conhecimentos acessados durante a tematização, ao analisar os nossos registros das aulas, que foram feitos através de filmagens, fotografias e registros das falas dos estudantes, reconhecemos que há um conhecimento apropriado sobre o tema estudado além de percebermos a participação de muitos dos estudantes na construção de um espaço democrático de respeito às diferenças para a realização das práticas.

O estudo da bocha

A tematização da bocha foi realizada com os estudantes dos períodos da manhã. As turmas eram compostas por homens e mulheres que vão para o trabalho após a aula, alguns jovens, idosos e pessoas com deficiência. Diferente das turmas da tarde, essas turmas possuem um número proporcionalmente menor de estudantes com deficiência, além de não possuir nenhum estudante que utiliza a cadeira de rodas ou que possui mobilidade reduzida. Temos apenas um estudante na faixa dos 80 anos que utiliza do apoio da bengala apenas como segurança, conseguindo locomover-se sem ela.

Para o estudo da bocha utilizamos as bolas de *medicineball* de 1kg e o *medicineball* de 2kg foi o nosso *bolin*. Como todas as bolas eram da mesma cor, e no jogo é necessário a diferenciação das cores para sabermos qual bola é de cada competidor/equipe, fizemos umas listras com caneta preta para identificar o competidor/equipe.



Figura 14 - As nossas bolas de bocha

Nenhum estudante havia jogado a bocha, apenas um informou que já tinha visto “*Quando eu era criança via o pessoal jogar no BNH (nome antigo do Clube Escola), mas não sei como joga!*” Por isso, nas primeiras experimentações os entendimentos das regras foram difíceis. Era necessário falar de quem era a vez, quem estava ganhando, era preciso dar dicas de onde/como jogar. Mas com o passar das aulas essas questões foram sendo superadas.

O jogo com o *medicineball* funcionava muito bem, mas possibilitava a participação de poucos estudantes por vez, visto que tínhamos apenas 6 bolas de 1kg 1 bola de 2kg. Em um jogo de bocha cada competidor joga com 4 bolas, mas na escola, de acordo com o material disponível, cada jogador/equipe usava 3 bolas. Além de poucos materiais, a inclinação da rua atrapalhava as jogadas. Era preciso estar atento para que o *bolin* fosse lançado na metade da rua que é plana, pois quando ele ia para a parte inclinada a bola ia parar na sarjeta e então passava a ser mais um jogo de sorte do que de estratégia, mas apesar de atrapalhar um pouco os jogos, esse não foi um limitador do nosso estudo.

Pensando na possibilidade de aumentar as experiências, pois os estudantes aguardavam muito tempo para poder jogar e isso reduzia as possibilidades de conhecer mais o jogo a partir das vivências, com a ajuda de um professor do CIEJA, confeccionamos novas bolinhas para a realização de mais de um jogo ao mesmo tempo.

Utilizamos bolas de tênis e colocamos areia dentro, o que as deixou mais pesadas e sem pular, o que permitia a realização do jogo. Esse novo material era composto por 4 bolas para cada equipe e deixou o jogo mais difícil, permitindo um maior número de estudantes jogando ao mesmo tempo. O aumento das vivências fez com que os estudantes passassem a ler melhor o jogo e fossem criando as próprias estratégias.

As aulas possibilitaram jogos individuais, jogo em duplas e jogos em grupos. Com um olhar a respeito das diferenças presentes nos grupos, variamos as formas de montar as equipes. Procurávamos possibilitar as disputas entre homens e mulheres, idosos e jovens, estudantes com deficiência e estudantes sem deficiência. Foi interessante perceber que em algumas turmas eles gostaram de fazer jogos de mulheres contra homens. Essas diferentes possibilidades colocaram diferentes estudantes como protagonistas, pois como em alguns momentos o elemento sorte acabava atuando no jogo, pessoas com menos habilidade venceram as disputas, e enxergamos isso como importante pois demonstra que as aulas de Educação Física têm possibilitado a todos um momento de êxito em algumas atividades, o que nem sempre acontece na sala de aula. Mesmo sem entender a regra do

jogo, ou sem uma compreensão total do funcionamento daquela prática corporal, o estudante consegue obter uma participação relevante.

Alguns estudantes com deficiência não compreenderam a lógica do jogo, apenas jogavam a bola em direção ao *bolin* conforme era solicitado. Mesmo sem a compreensão do abstrato (organizar estratégias para vencer), quando eles jogavam, nós e até mesmo os colegas da turma, dávamos dicas e mostrávamos onde deveriam lançar a bola. Essa foi a única adaptação necessária para a participação deles.

Enquanto forma de registro das aulas, temos o hábito de fotografar e filmar. Em uma das turmas, ao solicitar a autorização para filmar a disputa, todos concordaram. Realizamos a filmagem e em seguida colocamos o celular no bolso para continuar a aula. Uma aluna prontamente falou: *Você só vai filmar o jogo deles? Eu não joguei ainda, também quero aparecer o filme!* Nos desculpamos pelo erro cometido e filmamos a disputa seguinte. Essa fala nos mostrou como o formato dos registros estão sendo interessantes e importantes para os estudantes. Como temos o hábito de mostrar os vídeos para os estudantes assistirem, todos querem se ver, querem se reconhecer como atores das aulas de Educação Física e isso nos mostrou que esse pode estar sendo um bom recurso para contribuir com a construção dos conhecimentos.



Figura 114 - Experimentando o jogo de bocha

Continuando as aulas, as disputas passaram a ficar mais acirradas, alguns estudantes desafiavam os colegas, outros já estavam criando estratégias de jogo e em um dos dias eles sugeriram que quem ganhasse pudesse ter alguma premiação. Tínhamos algumas medalhas no armário e sugerimos a medalha como premiação. Prontamente o

grupo aderiu à ideia. Na aula seguinte fizemos um torneio de bocha em duplas durante a aula e para isso utilizamos todo o período de 2h15 do turno dos estudantes. Foi muito interessante, pois não imaginávamos que adultos se interessariam em ganhar medalhas nas aulas, mas essa possibilidade impulsionou alguns estudantes, que revelaram nunca ter ganhado uma medalha na vida. Para outros, essa premiação era indiferente. Mas o que chamou a nossa atenção foi o fato de utilizarmos todo o período com a atividade de Educação Física e os estudantes não acharem ruim, pois existe um histórico de que na EJA os estudantes só reconhecem como aula as atividades com lousa e papel, e aqui no CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano nós já estamos conseguindo romper com isso. Talvez, as atividades que gerem novas sensações, novas experiências possam estar sendo entendidas como momentos importantes para essas pessoas, convergindo com o que eles esperam da escola.

Novamente, diferentes sujeitos foram protagonistas nas disputas, e isso enriquece a aula e as possibilidades de aprendizagens dos estudantes. Pois além de aprenderem os jogos, eles aprendem que os outros sujeitos que compõem a turma também são sujeitos que aprendem e que conseguem realizar diferentes atividades.

Como intencionávamos conhecer a cancha de bocha que existe no clube escola que fica perto do CIEJA, já estávamos entrando em contato com a pessoa responsável e havíamos solicitado a nossa ida até lá para jogarmos.

Conseguimos agendar a visita e informamos aos estudantes que na data marcada iríamos fazer um torneio de bocha valendo um troféu, já que havíamos identificado um interesse por esse material. Combinamos que iríamos todos juntos a pé e que sairíamos da escola no horário do início da aula.



Figura 115 - Troféu utilizado na competição de bocha

Organizamos as visitas de formas que os estudantes foram dentro do seu turno de aula e junto com a sua turma. Isso é importante para conseguirmos que todos tenham o direito de participar da atividade. Em todas as turmas a maioria dos estudantes compareceram. Isso se mostrou importante, pois muitas vezes faltam em dias que não terão “aula”, considerando que é apenas um passeio. Essa atuação dos estudantes novamente nos fez pensar que o trabalho estava sendo interessante para eles e tinha alguma relevância.

Em todas as turmas organizamos as visitas com a experimentação do jogo com as bolas de bocha “de verdade”, com a intenção de que eles conhecessem o material oficial, que comparassem com o que havíamos utilizado na escola, que reconhecessem que a pista reta e lisa contribui no jeito de jogar. Foi muito interessante ver o comportamento de alguns estudantes, estavam maravilhados com o fato de estarem em uma local que permitia uma melhor realização do jogo.

Após realizarmos algumas disputas em duplas, organizamos uma competição valendo o troféu, e em cada turma o andamento da atividade caminhou de diferentes formas. Em uma das turmas os estudantes optaram por jogar com as bolas da bocha, pois acharam que seria importante utilizar o material “correto”, em outras turmas eles optaram por utilizar as bolas de *medicineball* que utilizávamos em nossas aulas na escola, pois se sentiam mais seguros jogando com elas.



Figura 116 - Visita a cancha de bocha

Os jogos foram marcados novamente pelas possibilidades de diferentes sujeitos vencerem as disputas e isso se comprovou como algo muito positivo que a Educação Física estava proporcionando aos estudantes daquela escola.

Em uma das turmas uma estudante com deficiência chegou à final da competição. Durante a partida da final, o estudante adversário claramente “entregou” o jogo para que ela vencesse a disputa e levasse o troféu, pois viu o quanto aquele objeto seria importante para ela. Essa atitude nos comoveu, pois reconhecemos que há nessa ação uma questão de empatia, que percebeu que para ela aquilo seria muito importante, e talvez para ele aquele troféu não tivesse tanto valor. Essa atitude pode ser fruto das experiências que ele estava tendo com os estudantes com deficiência proporcionadas pela escola. Não é possível afirmar com certeza, mas acreditamos que a convivência e as ações didáticas que a escola promove, intencionam a formação de sujeitos que reconheçam e respeitem as diferenças. Supomos que o CIEJA vem permitindo que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas, pois é uma escola que se esforça para garantir a permanência de todos. Em um período político complicado, em que a tentativa de apagamento das diferenças está presente nos discursos, inclusive do atual presidente do país: *“Vamos fazer um Brasil para a maiorias, as minorias têm que se curvar às maiorias, as leis devem existir para defender as maiorias. As minorias que se adequem ou simplesmente desapareçam.”*⁵, fazer com que as pessoas se preocupem com o “outro”, é papel da escola, local em que as diferenças entram em contato, portanto é papel da escola pública fazer resistência a esse discurso, e talvez o CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano esteja dando alguns passos nessa direção.

Durante a visita ao clube escola, muitas pessoas ficaram surpresas com a existência desse espaço. Alguns afirmaram que já frequentaram para a prática de outros esportes mas revelaram não conhecer aquela parte, onde a cancha fica localizada. Aqui nos fica presente a importância das ações de reconhecimento e ocupação dos espaços públicos das práticas corporais. Muitas vezes esse pode ser um disparador para que os estudantes passem a conhecer e frequentar lugares próximos as suas residências que lhe possibilitarão novas experiências.

Esse ponto do trabalho mostrou que apesar das dificuldades que enfrentamos durante o percurso, entre trabalhos iniciados e encerrados pelas condições existentes no nosso espaço escolar, essa ação de mostrar aos estudantes o que existe no nosso entorno

⁵ Fala do atual presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro em fevereiro de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sUueYXzr9jE>

se apresentou como válida. Ver algumas expressões de satisfação, ver o prazer de estar em alguns espaços nos faz pensar no papel que a escola de jovens e adultos tem sobre essas questões. Considerando os sujeitos presentes nas aulas, talvez proporcionar novas experiências já tenha uma parcela de importância na vida desses sujeitos.

Finalizando o estudo da bocha, percebemos que além de conhecerem um pouco mais sobre uma prática corporal, os estudantes criaram um ambiente muito amistoso e acolhedor. As aulas aconteciam com a presença e participação de todos.

Porém, ao avaliar o percurso do estudo, percebemos que não conseguimos ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre a bocha. Por não conhecerem a prática corporal, acabamos nos dedicando à melhoria do jogo, para que ele pudesse acontecer com maior fruição e não nos preocupamos em discutir quem são os sujeitos praticantes, os custos da prática, a origem, enfim, as questões que permeiam a bocha. No entanto, avaliamos como positivo ter tematizado uma modalidade que em alguns momentos colocou a “sorte” como possibilidade de interferência no resultado do jogo, pois isso possibilitou que diferentes sujeitos tivessem experiências bem-sucedidas, e isso coloca a educação física como um espaço que todos podem ter um êxito nas atividades.

Ao final de tudo...

Ao avaliar todo o percurso realizado, apesar dos desvios pelos quais as tematizações passaram, reconhecemos que em certa medida o trabalho se aproximou dos objetivos traçados inicialmente, ora com mais profundidade em um item, ora se distanciando de outro, mas reconhecemos que os percursos forma delineando a partir das experiências e dos sujeitos presentes nas aulas.

Finalizamos o trabalho reconhecendo que os trajetos desses estudos muito se assemelham ao percurso escolar dos estudantes da EJA. Entre interrupções e recomeços continuamos caminhando na direção da construção de uma Educação Física que atenda às especificidades dos sujeitos da EJA.